

ESCRITOR, HOMOSSEXUAL, DISSIDENTE: O ENGENDRAMENTO DE PÁRIAS NA CUBA CASTRISTA A PARTIR DE ANTES QUE ANOITEÇA, DE REINALDO ARENAS

ESCRITOR, HOMOSEXUAL, DISIDENTE: LA CREACIÓN DE PARIAS
EM LA CUBA CASTRISTA DESDE ANTES QUE ANOCHEZCA, DE
REINALDO ARENAS

Altair Santa Clara de Oliveira Neto*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar, a partir dos relatos autobiográficos do escritor cubano Reinaldo Arenas (1943-1990), o processo repressivo perpetrado pelas políticas do governo revolucionário castrista em Cuba. Cotejando os dispositivos de poder mobilizados pelo governo cubano aos elementos de caracterização da homossexualidade e hierarquização de masculinidades e feminilidades, procura vislumbrar pressupostos do 'homem novo' revolucionário e suas limitações. Tais fatores tensionam uma noção de moral revolucionária que excluía a multiplicidade de masculinidades não atuantes junto ao conceito próprio de virilidade no interior do projeto da Revolução. Por fim, esboça-se concomitantemente a maneira pela qual a prática da produção literária forneceu bases de afrontamento, transgressão e reformulação das subjetividades dos sujeitos perseguidos, configurando-se como potente forma de resistência frente às coibições.

Palavras-chave: Cuba Revolucionária; Homem Novo; Homossexualidade; Reinaldo Arenas; Literatura.

Abstract: Este artículo tiene como objetivo analizar, a partir de los relatos autobiográficos del escritor cubano Reinaldo Arenas (1943-1990), el proceso represivo perpetrado por las políticas del gobierno revolucionario castrista en Cuba. Comparando los dispositivos de poder movilizados por el gobierno cubano con los elementos de caracterización de la homosexualidad y la jerarquización de masculinidades y feminidades, busca vislumbrar supuestos del 'nuevo hombre' revolucionario y sus limitaciones. Estos factores pusieron en tensión una noción de moralidad revolucionaria que excluía la multiplicidad de masculinidades no activas junto con el concepto de virilidad dentro del proyecto de Revolución. Finalmente, esboza cómo la práctica de la producción literaria proporcionó bases para la confrontación, la transgresión y la reformulación de las subjetividades de los sujetos perseguidos, configurándose como una poderosa resistencia frente a las restricciones.

Keywords: Cuba Revolucionaria; Hombre Nuevo; Homosexualidad; Reinaldo Arenas; Literatura.

* Graduando em História Licenciatura pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), tem experiência na área de História Contemporânea, Estudos de Gênero e Sexualidades e relações entre história e literatura. Pesquisa atualmente as construções, hierarquizações e performances da homossexualidade, em um movimento crítico da produção partidário-literária marxista, nas obras de Jorge Amado.

INTRODUÇÃO

A década de 1960 assomou na história cubana a emergência do processo revolucionário que culminou na constituição do governo de Fidel Castro (1959-2008). A derrocada de Fulgêncio Batista e a tomada de poder pelos insurgentes possibilitou uma virada de chave para o país, fornecendo um novo embasamento teórico-político pautado nas visões marxista-leninistas¹. Nesse meio, constituiu-se de maneira contundente um determinado projeto ideológico que previa, a partir de um intenso processo educativo da população, fornecer as bases morais de um novo sujeito que perpetuasse a Revolução aos moldes do entendimento de seus dirigentes. Como aponta Freitas (2021), essa estratégia governamental, embasada de maneira sólida na concepção de “homem novo”, revisitada e incorporada ao projeto por Ernesto Che Guevara, passava por um processo de introjeção deste novo código moral nos habitantes da ilha caribenha².

O processo de constituição dessa moral revolucionária não saiu, contudo, incólume ao paradoxo de reafirmação de uma moral hegemônica burguesa, na qual as problemáticas da não ampliação dos debates das questões de gênero e sexualidade permitiu o surgimento de processos violentos de perseguição, mortes e exílios (Arosa,

1 Entendemos aqui as problemáticas conceituais implicadas na delimitação das conceituações político-partidárias sob a noção de “marxismo-leninismo”. Todavia, seguindo os imbricamentos apontados por César Alessandro Sagrillo Figueiredo (2019), pontuamos que o termo vem aqui sendo empregado para referir-se não somente a uma determinada organização partidária alicerçada nas contribuições de Lênin às leituras de Marx sobre o conceito de partido e formação de uma vanguarda política, mas também como tais preceitos serão reorganizados por Stalin. Recepcionando as obras de Marx, Lênin tece um modelo partidário composto de experientes ativistas que tem por objetivo delimitar as diretrizes para a realização de uma consciência política mais avançada e propagandista (Figueiredo, 2019, p. 64). O modelo disciplinar partidário que, segundo Lênin em *Esquerdismo, doença infantil do comunismo* (1978), projeta-se por meio da ditadura do proletariado em uma luta tenaz, é recepcionado por Stalin e difundido teoricamente pelas chaves de leitura ofertadas nas teses da III Internacional Comunista (Figueiredo, 2019, p. 72). Entende-se, portanto, que as configurações apontadas sobre a formação partidária marxista-leninista foram engessadas e, ao invés de postularem teorias aplicadas a cada realidade, constituíram dogmas políticos (Figueiredo, 2019, p. 72-73).

2 A conjuntura revolucionária na região caribenha durante a década de 1960 e a própria concatenação dos processos de independência demonstram-se, de todo, complexificados. Os processos de independência latino-americanos e, o caso particular de Cuba frente à Espanha, perpassou períodos de guerras contra o poderio hispânico de 1868 até 1898, inclusive transpassados por influências políticas dos Estados Unidos (Santos, 2013, p. 269). Por sua vez, o processo revolucionário cubano deve ser igualmente entendido dentro das problemáticas inerentes ao contexto da Guerra Fria. Considerado como marco de início do processo, o assalto ao quartel de Moncada, em 1953, postulava o ataque aos arsenais do exército cubano para a derrubada no ditador Fulgêncio Batista (Mendes, 2013, p. 3). O fracasso do assalto resultou na prisão de Fidel Castro e de seu irmão, que quando libertos exilam-se no México e procuram rearticular a luta em Cuba. Ao longo de 1957, articulam aproximações com a luta armada em Sierra Mestra e, tendo aderência e mobilização popular, derrubam Batista. Como aponta Mendes, é a partir desse momento que se inicia um afastamento das amarras colonialistas norte-americanas e estabelecia-se propriamente um regime socialista em Cuba (Mendes, 2013, p. 4). Este movimento foi paulatino, mas configurou a experiência revolucionária cubana como ponto de inflexão dentro da história da América Latina. Obviamente, os objetivos desse artigo não são voltados ao esgotamento da temática, já vastamente estudada, do contexto revolucionário. Todavia, tem como horizonte a complexidade dos debates.

2016). Ao definir as zonas conceituais limítrofes do “homem novo”, foram estabelecidos também critérios engessados de masculinidade e de feminilidade compatíveis ao fazer revolucionário (Freitas, 2021). Sob essa ótica, aqueles sujeitos que não contribuíam para a estética³ desse homem que se criava — não apenas homossexuais, mas também sujeitos heterossexuais que não performavam a masculinidade tal como exigida — eram excluídos do quadro da Revolução, sofrendo com os mecanismos repressivos e persecutórios, que os levaram aos ambientes penitenciários e à busca pelo exílio.

Um dos muitos exemplos dos sujeitos vitimados pelos dispositivos⁴ autoritários do governo castrista foi o escritor Reinaldo Arenas (1943-1990). Possuidor de renome em seu próprio país e internacionalmente, Arenas é uma das peças fundamentais para o entendimento do processo repressivo da homossexualidade na Cuba revolucionária. Através dos relatos autobiográficos condensados na obra *Antes que anoiteça*, além de outros textos epistolares, o escritor desmantela a memória oficial da Revolução Cubana e deixa nítido os recortes existentes em um processo que proclamava a amplitude da justiça social. Escrevendo a partir do exílio, Arenas também é porta de abertura para o reconhecimento do trabalho transgressor e resistente da chamada “Geração Mariel” (Barquet, 1998), grupo que é basilar para compreensão dos debates e afrontamentos aos projetos de Castro. Além disso, não é de menor importância a percepção da literatura como escancaramento da experiência (Scott, 1998), atuando como uma das forças potentes de

3 A noção de estética mobilizada nesse trabalho faz referência aos termos levantados por Michel Foucault em suas obras *A Hermêutica do Sujeito* (2006) e *A Coragem da Verdade* (2011) como estética de existência. Procurando averiguar as relações entre subjetividade, sujeito e verdade, Foucault entende que diferentes noções, formas e práticas de ser constituem determinadas formas de existência do sujeito (Foucault, 2006, p. 16). Ao estabelecer pressupostos éticos que retomam filosoficamente o conceito de “cuidado de si”, Foucault pressupõe que a estética de existência seja um trabalho ético-político sobre si e, como aponta Guilherme Castelo Branco (2008), postule uma cuidadosa ontologia e criteriosa reflexão sobre os desafios abertos no tempo presente, estando sempre em luta com os poderes hegemônicos (Branco, 2008, p. 3). Cercando mais a temática própria do modo de vida revolucionário, Foucault aponta para um militantismo como testemunho de vida, no sentido de que expõe estilos de existência calcados na ruptura com as convenções, os hábitos e os valores da sociedade, manifestando-se de forma visível em sua prática constante (Foucault, 2011, p. 161). Esse estilo de vida foi, segundo Foucault, reformulado pelas práticas organizacionais e disciplinarizadoras partidárias, permitindo que a manifestação de uma verdade inacessível fosse banida em um paradoxal movimento aplicação de valores, comportamentos e esquemas de conduta tradicionais (Foucault, 2011, p. 163).

4 O conceito de dispositivo é desenvolvido por Michel Foucault no primeiro volume de *História da Sexualidade* (2022). Foucault vai entender o dispositivo histórico como um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas etc. Para o filósofo, o dito e o não dito atuam como elementos do dispositivo (Foucault, 2000, p. 244).

crítica e transgressão, mobilizando critérios de memória e testemunho frente a violência de Estado⁵.

Mobilizando os elementos citados, procura-se neste trabalho tensionar discursos sobre o governo revolucionário castrista, procurando entender as correlações entre noções fixas de masculinidade/feminilidade e seu alicerce nos critérios constitutivos da moral do “homem novo”. A partir de tais aproximações, tece-se o entendimento de que as projeções paradoxais da moral revolucionária propeliram dispositivos de violência à setores da população que não estavam no interior do enquadramento proposto. Ativa-se metodologicamente para essa empreitada as aproximações inerentes aos estudos de História e Literatura (Sevcenko, 1999; Ferreira, 2009), assim como as aproximações conceituais realizadas no âmbito dos Estudos de Gênero e Sexualidade (Scott, 1995), sobretudo ao discorrerem sobre a constituição da binaridade masculinidade/feminilidade (Butler, 2003). Objetiva-se, portanto, uma leitura crítica do processo de constituição de uma moral revolucionária, enraizada em uma leitura ortodoxa do marxismo-leninismo⁶, que possibilitou, paradoxalmente, pelo afastamento da moral burguesa, uma própria reafirmação desta em seus caracteres mais violentos.

5 Não recorremos à fonte autobiográfica pelo critério de sondagem de uma verdade factual. Como dissertam Saddi e Melo (2012), a autobiografia encerra sempre uma invenção de si mesmo (Saddi; Melo, 2012, p. 1271). Objetiva-se, portanto, o tensionamento entre o trauma experienciado e a prática de escrita (Arosa, 2016), percebendo que a experiência vivida é transformada pelas torções da escrita, reativando, segundo Júlio Pimentel Pinto, os distanciamentos entre vivido-escrito e entendendo o trabalho de leitura e reaproximação do real como sempre mediado e variável, nunca fixo (Pinto, 2024, p. 14-15).

6 As leituras críticas da moral revolucionária e do engendramento de políticas de exclusão foram amplamente debatidas academicamente. No âmbito das análises históricas sobre homossexualidade, o historiador James N. Green disserta como o amálgama dos moralismos católicos tradicionais com noções correntes de um homoerotismo ligado à um desvio social e ao turismo sexual, possibilitaram aos líderes cubanos uma leitura de comportamentos não normativos como fraqueza moral e falta de fervor revolucionário (Green, 2003, p. 33). Green igualmente aponta para comparações de perseguições ou exclusões em outros países, como o caso de Herbert Daniel, no Brasil, e as alegações homofóbicas do Movimento de Esquerda Revolucionária Chileno (MIR) (Green, 2003, p. 33-34). Os debates se ampliam para o próprio âmbito marxista, o qual também recepciona as leituras de gênero e sexualidade e debruça-se sobre a experiência cubana. A escritora, ativista LGBT e socialista estadunidense Sherry Wolf (2021), entende o processo de como minorias sexuais foram perseguidas por regimes como o de Stálin, Mao e Castro, alicerçados em concepções de Estado que alegavam, segundo a autora falsamente, estarem sob a égide do socialismo (Wolf, 2022, p. 105). Ao mesmo tempo, Leslie Feinberg, ativista trans e comunista, reconhecida por seu livro *Stone Butch Blues*, de 1993, defende uma leitura, em *Rainbow Solidarity in Defense of Cuba* (2004), do contexto cubano pautado nos constantes enfrentamentos do poderio imperialista estadunidense, no qual os critérios de gênero e sexualidade tiveram, apesar dos antagonismos entre modos de vida distintos, avanços consideráveis (Feinberg, 2004). Isso demonstra como o campo de debate se mostra complexificado, sendo, portanto, importante pautar tais discussões. O artigo não se propõe a uma análise comparada mais abrangente, mas tem como horizonte os tensionamentos levantados acima.

CONSTRUINDO O “HOMEM NOVO”

O despontar de uma nova sociedade, calcada nos elementos constitutivos do processo transitório do capitalismo para o comunismo, fizeram ferver os questionamentos de muitos teóricos marxistas no decorrer do século XX. Conforme aponta Almeida (2010), as subversões das relações de trabalho impuseram, em igual medida, uma teorização sobre a necessidade de um novo ser. Na União Soviética, o projeto revolucionário entendia o imperativo de fundamentação de um novo sujeito, sobretudo a partir de estratégias fundamentais que o transformassem em um agente coletivo, capaz de realizar ações para o desenvolvimento conjunto (Almeida, 2010, p. 11). Teóricos essenciais, como Lev Vygotsky, lançaram as bases para a compreensão da necessidade de um novo sistema educacional politécnico, sublinhando uma superação do “conhecimento livresco” tal como apontado por Lênin, mas em especial, alinhado ao princípio da filosofia da *práxis* marxista de um conhecimento realmente aplicado na prática cotidiana revolucionária. Esse novo sistema, como aponta Almeida, seria aquele que uniria impreterivelmente estudo e trabalho (Almeida, 2010, p. 10-12).

Alimentado pelos debates provenientes dessa efervescência teórica, Ernesto Che Guevara acomodará os preceitos levantados em sua própria visão do sujeito revolucionário. Amalgamando critérios anteriormente conjecturados, nomeadamente relacionados ao papel da educação, são adicionados caracteres morais imprescindíveis ao “homem novo” que se construía, dado a importância dos estímulos corretos para a formação de uma consciência comunista. Silva explicita como essa preocupação pairava sobre as formulações teóricas de Ernesto Che Guevara, para quem, segundo o autor, era fundamental que as pessoas “adquirissem uma nova concepção de mundo e novos valores, assim estabelecendo novas relações sociais — mais solidárias e avançadas do ponto de vista humanista” (Silva, 2011, p. 43).

No ensaio *El Socialismo y el Hombre en Cuba*, de 1965, Ernesto Che Guevara deixa explícito o itinerário para a (re)configuração dos preceitos do “homem novo” como objetivo primevo da Revolução Cubana. Os estímulos morais organizar-se-iam, portanto, de tal maneira que a introjeção educativa no corpo trabalhador atuaria em concomitância com o desenvolvimento técnico e, igualmente, de uma consciência comunista propriamente dita.

Para construir o comunismo, simultaneamente com a base material, é preciso fazer o **homem novo**. Por isso é tão importante escolher corretamente o

Escritor, homossexual, dissidente

instrumento de mobilização das massas. Esse instrumento deve ser de caráter moral, fundamentalmente, sem se esquecer uma correta utilização do estímulo moral, sobretudo de natureza social. (Guevara, 2007, p. 25. tradução nossa) ⁷.

Destacamos, ainda, a maneira como os projetos de reorganização educativo-pedagógicas almejadas por Ernesto Che Guevara estavam intrinsecamente conectadas com os preceitos ideológico-partidários. O Estado e os órgãos institucionais a ele vinculados, sob a égide axiomática do Partido Comunista neste momento, foram elementos estruturantes para divulgação e implantação do aparato orquestrado pelos dirigentes revolucionários. Como apresenta Ernesto Che Guevara, para quem o processo educativo se subdivide em duas vertentes, a direta e a indireta, esse instrumento configura-se em essencialidade para o fomento do sujeito revolucionário:

No nosso caso, a educação direta assume uma importância muito maior. A explicação é convincente porque é verdadeira; não requer subterfúgios. É exercida através do aparelho educativo do Estado em função da cultura geral, técnica e ideológica, através de organismos como o Ministério da Educação e do aparelho de divulgação do Partido. A educação alcança as massas e a nova atitude defendida tende a tornar-se um hábito; as massas estão a apropriar-se disso e a pressionar aqueles que ainda não foram educados. Esta é a forma indireta de educar as massas, tão poderosa quanto aquela outra. (Guevara, 2007, p. 27, tradução nossa)⁸.

Segundo Silvia Cezar Miskulin, Ernesto Che Guevara esteve igualmente transpassado por visões econômicas do momento em que o guerrilheiro estava à frente do Ministério da Indústria e da direção do Instituto Nacional de Reforma Agrária (Inra). Alocou-se neste cenário, como um dos suportes para os sistemas de incentivo, conectados com uma “emulação socialista” e os valores fundamentais objetivados, a noção do trabalho voluntário. Inserida na ampla leitura de planificação ambicionada pelo argentino, o trabalho voluntário como valor do novo homem auxiliou, em certa medida, o projeto econômico em Cuba, sobretudo nos momentos de colheita das safras de cana-de-açúcar

7 Texto original: Para construir el comunismo, simultaneamente con la base material, hay que hacer al hombre nuevo. De allí que sea tan importante elegir correctamente el instrumento de movilización de las masas. Ese instrumento debe ser de índole moral, fundamentalmente, sin olvidar una correcta utilización del estímulo material, sobre todo de naturaleza social.

8 Texto original: En nuestro caso, la educación directa adquiere: una importancia mucho mayor. La explicación es convincente porque es verdadera; no precisa de subterfugios. Se ejerce a través del aparato educativo del Estado en función de la cultura general, técnica e ideológica, por medio de organismos tales como el Ministerio de Educación y el aparato de divulgación del Partido. La educación prende en las masas y la nueva actitud preconizada tiende a convertirse en hábito; la masa la va haciendo suya y presiona a quienes no se han educado todavía. Esta es la forma indirecta de educar a las masas, tan poderosa como aquella otra.

(Miskulin, 2006, p. 48). Os integrantes dessa modalidade de trabalho percorriam desde estudantes, desempregados, trabalhadores fora de seu horário de serviço habitual, até integrantes do serviço militar obrigatório. Foram aderidos a esse montante também presos políticos e outras formas de dissidentes. A partir de 1963, com a institucionalização de um serviço militar obrigatório de três anos, inicia-se uma categorização mais assertiva dos grupos considerados como “de confiança” e os “não integrados politicamente”. Àqueles, destinava-se o treinamento militar: aos segundos, o trabalho no setor agrícola, dentro das Unidades Militares de Apoio à Produção (UMAP). Essa nova forma organizacional possibilitou um controle efetivo, moral e ideológico, da juventude cubana. É nessa concepção que entendemos, alinhados à visão de Miskulin, as UMAP's como dispositivos de violência que operaram como instrumentos de repressão dos dissidentes políticos e dos desviados sexuais, além de uma multiplicidade de setores que não estavam integrados ao sujeito revolucionário.

Muitos jovens que foram considerados hippies, homossexuais, religiosos (entre eles, muitos "santeros" e testemunhas de Jeová), jovens que queriam deixar o país, estudantes "depurados" das universidades, além de todos os considerados "anti-sociais" foram forçadamente internados nas Umaps. (Miskulin, 2006, p. 48).

A intensificação das técnicas disciplinares incendiara ainda mais os efeitos do biopoder⁹ com o respaldo de uma política de Estado apoderada do corpo social. As aproximações entre os dispositivos médicos e jurídicos e os preceitos socialistas, que culminaram em muitos níveis normativos e de vigilância, são temas de análise de Pedro Marqués de Armas, que aponta igualmente o movimento persecutório de setores dissidentes, visto a instauração cada vez mais incisiva do ideal do “homem novo”. Destacando que a homofobia não é primordialmente engendrada pelo regime revolucionário, Armas, todavia, demonstra que a institucionalização de determinadas políticas de “depuração social” forneceu as bases para uma movimentação repressiva.

No entanto, foi somente a partir de 1959 que a homofobia se radicalizou. A noção de indivíduo perigoso, que tinha uma longa história em Cuba, expandiu-se como nunca antes. Aos efeitos do biopoder e das técnicas disciplinares somam-se

9 O conceito de biopoder aqui entendido advém das leituras foucaultianas. No livro *Em defesa a sociedade* (2010), Foucault apresenta o biopoder como uma forma de governar a vida. Para o filósofo, as rearticulações do Estado na modernidade possibilitaram o engendramento de políticas pautadas em cesuras no interior de um contínuo biológico, que por sua vez modula as relações de poder e fornece o corte entre quem deve viver e o que deve morrer (Foucault, 2010, p. 304-305). A função assassina do Estado seria garantida, pelos moldes do biopoder, através do racismo, não um racismo puramente étnico, mas de tipo evolucionista (Foucault, 2010, p. 313).

Escritor, homossexual, dissidente

agora os de uma política de Estado que se apodera de todo o corpo social. Nestas condições, a aliança entre dispositivos médicos e legais foi assegurada através de certas manobras: foi colocada ao serviço de antigas leis aliadas a preceitos socialistas, bem como de novas leis de carácter arbitrário. E o mesmo acontece a nível regulatório, através da vigilância direta de escolas e internatos, e da orquestração de campanhas de opinião até chegar, finalmente, aos expurgos na Universidade e em diversas instituições culturais (as chamadas “depuraciones”) e o confinamento forçado de milhares de homossexuais nas Unidades Militares de Assistência à Produção (UMAP). (Armas *apud* Mubarak, 2014, p. 181-182, tradução nossa)¹⁰.

Esse caminho de depuração é amplamente identificado ao se explicitar os determinados padrões de masculinidade que se esperavam como valores constitutivos do “homem novo”. Ualisson Freitas, parafraseando Haidy G. Moller, apresenta como os critérios de força, virilidade¹¹ e posição sexual ativa também foram amplamente endossadas pelo governo revolucionário (Freitas, 2021, p. 474).

Essa multiplicidade de critérios meticulosamente fornecidos pelas formulações teóricas do “homem novo”, podem ser entendidas como teorizações de uma determinada estética revolucionária preferível¹². Michel Foucault apresenta de maneira assertiva alguns pressupostos que nos permitem a análise dessas formulações morais revolucionárias à luz de uma paradoxal perpetuação da moral burguesa ferrenhamente criticada. Na “Aula de 29 de fevereiro de 1984” presente em *A Coragem da Verdade*, o filósofo historiciza a

10 Texto original: Sin embargo, solo después del 1959 se radicaliza la homofobia. La noción de individuo peligroso, que en Cuba tenía una larga historia, se amplió como nunca antes. A los efectos del biopoder y de las técnicas disciplinarias se suman ahora los de una política de Estado que se apodera de todo el cuerpo social. En estas condiciones, la alianza entre los dispositivos médicos y jurídicos fue asegurada a través de ciertas maniobras: se la coloca al servicio de las viejas leyes acopladas a preceptos socialistas, así como de nuevas leyes de carácter arbitrario. Y lo mismo ocurre a niveles normativos, mediante la vigilancia directa de escuelas e internados, y la orquestación de campañas de opinión hasta llegar, por último, a las purgas en la Universidad y en varias instituciones culturales (las llamadas “depuraciones”) y a la reclusión forzosa de miles de homosexuales en las Unidades Militares de Ayuda a la Producción (UMAP).

11 Coadunamos à leitura de Ualisson Freitas os estudos sobre virilidade presentes no volume 3 de *História da Virilidade*, organizado por Jean-Jacques Courtine, Alain Courbin e Georges Vigarello. No capítulo “Virilidades Operárias”, Thierry Pillon (2013) apresenta que a constituição do critério de virilidade no homem novo socialista se organizou pela iconografia e pela participação da ‘masculinização’ nos referenciais simbólicos (Pillon, 2013, p.369). A disciplina, a moralidade, a resistência via robustez do corpo, a valorização do trabalho — sobretudo manual e fabril — como pressuposto de enfrentamento do capitalismo modulam tais performances dos trabalhadores (Pillon, 2013, p. 370).

12 Analisando a imagética de Ernesto Che Guevara, aliçercada igualmente em preceitos de gênero e masculinidades, Andréa Mazurok Schactae (2021) fornece mais detalhamento sobre os critérios da masculinidade no caso cubano. Schactae postula que a construção do guerrilheiro como um mito, vinculado a liberdade dos povos oprimidos, fornece a incorporação de um ideal de masculinidade que irá representar a identidade nacional cubana e de certa forma da esquerda latino-americana, na segunda metade do século XX. A autora continua vinculando à essa imagem o guerrilheiro com barba, vestindo uniforme verde, com fuzil e fumando um charuto cubano, vinculando-o à encarnação da virilidade revolucionária e uma identificação do Estado Cubano Revolucionário (Schactae, 2021, p. 2).

vida revolucionária manifesta no espaço europeu durante o século XIX. Esse movimento é pertinente uma vez que desvela a passagem de uma instituição de caráter milenarista e secreto, para um estilo de vida visível, que pleiteava ações no campo social e político e era organizada através dos sindicatos e partidos políticos (Foucault, 2011, p. 161). A partir desse segundo momento, como prossegue Foucault, o estilo de vida mais escandaloso, no sentido de prática visível, na existência revolucionária vai sendo minado, dando espaço para uma retomada e valorização de uma moral mais habitual, com formas de conduta tradicionais. Coaduna-se à essa noção, as questões inerentes ao conceito de Estado-Filosofia, apresentado na conferência de 1978, “A Filosofia Analítica da Política”. Em tal conferência, Foucault apresenta como a convergência de “filosofias de liberdade” e Estado, que ao encontrarem-se na forma do terror, da burocracia, ou na mescla monstruosa do terror burocrático, conjugam mecanismos de poder antônimos à própria liberdade (Foucault, 2012, p. 42). Ao mobilizar essa base teórica, pode-se realizar uma analítica de regimes tal como o filósofo realiza ao criticar o stalinismo, o qual eleva de modo paradoxal seu caráter privado e desbanca a postura crítica e o pressuposto de liberdade que primordialmente lhe dava suporte. Todavia, ao deslocarmos tais noções para o contexto cubano centralizado neste trabalho, percebemos como a leitura castrista e guevarista dos pressupostos marxistas, mas sobretudo dos debates inerentes às formulações soviéticas, trazem uma mesma chave de leitura possibilitando o debate mais obstinado acerca do papel do partido político como organização mantenedora de mecanismos de violência, em especial quando aderido à sistemas teórico-filosóficos excludentes.

Desse modo, defendemos que a amplitude conceitual apresentada, tal como o processo mais prático de institucionalização do projeto revolucionário, pode ser vista sob a luz dos escritos de Reinaldo Arenas e das críticas veiculadas na Revista de Literatura e Arte Mariel. Arenas discorre em seus escritos sobre os movimentos repressivos por parte do governo cubano à época da Revolução. A sua posição de escritor e homossexual fornece sondagens sobre os tensionamentos dos processos de censura e perseguição ao ser afirmado como dissidente político. Em *Antes que anoiteça*, obra que Arenas finaliza em 1990, pouco antes de suicidar-se e em um estado terminal devido à AIDS, o processo autobiográfico descrito fornece as bases para o testemunho político e pessoal que são essenciais para o embate de memória sobre a Revolução Cubana. Assim sendo, objetiva-se, como ponto de partida, tecer uma relação entre o papel da Revista Mariel e da

chamada “Geração Mariel” de práticas de resistência frente ao governo de Fidel, de modo a ressaltar o papel de uma literatura menor, em termos deleuzianos¹³, frente ao discurso oficial do regime revolucionário. Posteriormente, os critérios debatidos aglutinam-se para uma análise mais pormenorizada dos relatos de Arenas, nos quais se buscam aproximações entre as formulações do “homem novo” revolucionário e o engessamento de critérios de masculinidade/feminilidade que propiciaram movimentos de censura e perseguição sob a égide de Castro.

MARIELITOS: A GERAÇÃO, O EXÍLIO E A LITERATURA COMO RESISTÊNCIA

A experiência do exílio fornece um amálgama de sentimentos que transpassam as subjetividades dos indivíduos exilados. Em igual medida, como aponta Drummond (2018), é campo de oposição aos poderes oficiais, convertendo-se em local de debates notórios sobre projetos nacionais, disputas políticas e produção literária. Nesse meandro, explicita-se que o exílio, a intelectualidade e a formação de redes de sociabilidade¹⁴ que atuam como formas de resistência ao poder político oficial não eram caracteres inéditos à história cubana. Desde as lutas anticoloniais do século XIX, nas quais o estabelecimento de uma situação de desterro propiciava uma oposição política mais evidente, a esfera cultural e artística cubana percorrem caminhos para as reformulações de uma identidade nacional pensada desde o estrangeiro (Drummond, 2018, p. 21). Um dos exemplos desse primeiro momento de exílio foi o escritor, ensaísta e poeta José Martí.

Já no século XX esse repertório de oposição via degredo foi sendo apropriado pela gama de dissidentes políticos que eclodiriam com o advento do Movimento Revolucionário de 1959. Os apoiadores de Fulgêncio Batista caracterizaram um dos primeiros grupos a buscar asilo em terras norte-americanas. Por sua vez, os Estados Unidos ofereceram aos

13 O conceito é trabalhado de modo mais assertivo por Gilles Deleuze e Felix Guattari na obra *Kafka: por uma literatura menor* (Deleuze; Guattari, 1997). Para os autores, a literatura menor possui três principais características: a primeira é que ela não se faz em uma língua menor, mas dentro de uma língua maior opera, modificando-a com o coeficiente da desterritorialização; o segundo aspecto versa sobre o seu alto teor político, no qual a ampliação do caso individual (conjugal, familiar, etc.) torna-se ainda mais indispensável por sua conjugação aos elementos econômicos, burocráticos, jurídicos; e, por fim, a literatura menor adquire sempre um valor coletivo, fornecendo sempre a possibilidade de uma enunciação de produção de solidariedade ativa, que se aviva de maneira ainda mais pujante se o escritor encontra-se afastado de sua frágil comunidade, dando-lhe ferramentas para pensar outras potencialidades e sensibilidades (Deleuze; Guattari, 1997, p. 25-27).

14 A noção de redes de sociabilidade intelectual aqui entendida é pautada na leitura de Jean-François Sirinelli (2003, p. 248), a qual pressupõe um conjunto de intelectuais que se comunicam devido às suas atividades profissionais, sejam eles escritores, professores, artistas, políticos etc., podendo se organizar em revistas ou instituições.

exilados certo auxílio, entendendo o aspecto de oposição ao regime socialista que se implantava na ilha caribenha.

(...) o exílio tornou-se caminho recorrente para os dissidentes e insatisfeitos com o governo da ilha, e consolidou-se como uma das principais comunidades oposicionistas ao regime socialista cubano, aliando-se e sendo amparado por instituições, agências de comunicação e de inteligência, e políticas imigratórias do governo norte-americano em diversos momentos. (Drummond, 2018, p. 22).

Evidentemente, as gerações de intelectuais que produziram obras nesse campo do exílio, em desacordo com as medidas tomadas pelo regime revolucionário, aglutinam em suas produções a potência da crítica ao governo, mas em igual medida enroscam-se nos traumas da proscrição.

O início da década de 1970 marcaria, mais uma vez, experiências traumáticas para diversos setores da população cubana. Se as divergências internas já haviam propiciado o afastamento de escritores, intelectuais e antigos apoiadores do movimento revolucionário, tais como Mario Parajón, Lorenzo García Vega, Carlos Fraqui, Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre, assim como o silenciamento de figuras como Virgílio Piñera, as novas visões acerca das produções artísticas forneceriam as bases para mais um processo massivo de fuga de setores populacionais¹⁵.

Em 1971 ocorre o I Congresso Nacional de Educação e Cultura, que estabelecia parâmetros para as políticas culturais e educacionais e realizava um processo de estreitamento das produções com a ideologia revolucionária (Mubarack, 2018, p. 33). Através da União de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC), pôde-se efetivar o estímulo às produções voltadas para a exaltação do regime e ao processo pedagógico de formação da

15 Os motivos do afastamento intelectual se deram por muitas frentes. Drummond (2020), por exemplo, aponta para a problemática da mudança de perspectiva da revista *Casa de las Americas*, da qual muitos desses intelectuais eram próximos, frente a atividade cultural (Drummond, 2020, p. 121). Outro fator a se considerar é o Caso Padilla, ocorrido em 1971. Herberto Padilla (1932-200) foi um poeta e escritor cubano que, a partir de 1968, viu-se engalfinhado por acusações de que seu livro, *Fuera del Juego*, era individualista e marcado por uma ideologia liberal burguesa (Martins Vilaça; Miskulin, 2024, p. 246). O livro foi igualmente malvisto por sugerir climas repressivos e perseguições na ilha e demonstrar certa compaixão pelos contrarrevolucionários. Esse processo gerou a paulatina exclusão de Padilla do quadro cultural e culminou, em 1971, com sua prisão como contrarrevolucionário (Martins Vilaça; Miskulin, 2024, p. 247). Preso durante 38 dias, Padilla emite uma autocrítica, ou nos termos de Vilaça e Miskulin (2024), uma confissão forçada, na qual se arrepende de sua postura pessimista e de desencanto como movimento revolucionário e igualmente pede uma revisão de posições de seus pares intelectuais. O caso ganharia repercussão internacional e proporcionaria publicações de declarações de rechaço em relação à prisão de Padilla e ao uso de medidas repressivas contra os intelectuais críticos. A *Declaración de los 54*, redigida por Júlio Cortázar e Juan Goytisolo, foi uma dessas cartas. Tendo sido publicada no jornal *Le Monde*, alertava como a prisão do escritor poderia abalar o símbolo da Revolução Cubana para os latino-americanos (Martins Vilaça; Miskulin, 2024, p. 250).

consciência do “homem novo”. Essa nova linguagem política forneceu um endurecimento do campo cultural, pois o desacordo ao regime caracterizava a improdutividade da obra, sendo nessa medida considerada contrarrevolucionária e digna de supressão.

O desdobramento das conceituações teóricas do “homem novo” vê-se explicitada pela delimitação do papel do intelectual. Como aponta Drummond, há um processo de afastamento de homossexuais das produções ligadas a cultura e educação, visto que a sua “influência negativa” era nociva para o desenvolvimento da juventude revolucionária¹⁶. Reinaldo Arenas, assim como outros escritores de seu círculo, até mesmo ligados ao espaço da Biblioteca Nacional, foram perseguidos por sua homossexualidade declarada (Freitas, 2020, p. 22). A formação da Revista Mariel se dá em um desses vários processos de repressão que culminam na experiência do exílio.

O marco fundacional da revista acontece com mais um movimento migratório, em 1980, ao qual são quantificados quase 125 mil cubanos que procuraram refúgio nos Estados Unidos, partindo através do porto de Mariel. A heterogeneidade social dessa comunidade de asilados abalou àquela de habitantes cubanos em Miami e, a sua chegada, em concomitância com um forte processo de recessão, inflação e desemprego nos territórios estadunidenses, afastou o governo norte-americano das políticas de acolhimento aos cubanos¹⁷. É nesse meio que se atribui a essa nova leva o apelido pejorativo de *marielitos*, dos quais poucos conseguiram um deferimento de refúgio político permanente. A situação de inconstância e de ambiguidade de *status*, foram constitutivos da experiência do exílio.

A Revista Mariel, portanto, foi um dos instrumentos encontrados por um grupo de escritores e intelectuais cubanos para fazerem circular os elementos de crítica, seja ao governo cubano, mas também de aspectos mais literários e políticos no geral¹⁸. Era

16 Drummond não desenvolve a ideia de influência negativa, mas a formulação pode ser entendida coadunando-se a leitura de Sherry Wolf (2022) a qual apresenta como as leituras de Castro de homossexuais como ‘desviantes’ poderia influenciar a juventude: “Castro defende proibir homossexuais ‘desviantes’ de terem cargos onde eles poderiam influenciar os jovens. Ele alegava: ‘Nós não podemos acreditar, de nenhuma maneira, que um homossexual possa incorporar as condições e exigências de conduta que nos permitem considerá-lo um verdadeiro revolucionário, um verdadeiro militante comunista’” (Wolf, 2022, p. 143).

17 A cobertura midiática enviesada, que caracterizava os novos imigrantes como criminosos, presos políticos, psiquiatricamente desequilibrados e homossexuais, alijou no já pungente sentimento anti-imigratório estadunidense uma repulsa ainda maior (Drummond, 2018, p. 32).

18 Vale ressaltar o contexto de Guerra Fria citado anteriormente para complexificar os debates sobre os discursos produzidos no interior da revista. Todavia, pontuamos que as críticas ao regime castristas se posicionaram lado a lado com as críticas à vida nos Estados Unidos. Arenas, por exemplo, apesar de seu ressentimento quanto à Cuba, criticou veemente a política e a sociedade dos EUA, no seio da qual recebeu

impressa em formato de tabloide e cada um dos volumes contava com 32 páginas, podendo ou não se estender até 40 (Drummond, 2018, p. 39). Houve 8 edições da revista, entre os anos de 1983 e 1985, publicadas de acordo com a periodicidade estipulada. Os membros da comissão editorial, tal como colaboradores, são reconhecidos pela alcunha de “Geração Mariel”. Nas palavras de Jesús J. Barquet, o conselho de direção original da revista era formado por Reinaldo Arenas, Juan Abreu e Reinaldo García Ramos, os quais se assomavam os conselheiros editoriais Roberto Valero, Carlos Victoria, Luis de la Paz e René Cifuentes. Posteriormente, outros nomes foram acoplados à empreitada.

O termo Geração Mariel é permeado pela grande penumbra teórica que busca uma correlação explícita entre os seus membros. Barquet aponta que, em se tratando do caráter puramente intraliterário, é difícil assumir uma postura estilística comum aos membros, os quais estão mais marcados pela completa diferenciação (Barquet, 1998, p. 110). Em contrapartida, quando se coloca em análise os critérios extraliterários que uniram o corpo editorial, percebe-se a coesão na abordagem crítica e na inserção em uma mesma experiência histórica do governo de Fidel Castro, ou seja, uma união em exílio. Nesse sentido, a Geração Mariel pode ser entendida como uma “geração do silenciamento”, na qual a exaltação da liberdade frente à opressão do regime revolucionário e a defesa imperiosa da necessidade de falar, fizeram-se ferramentas primordiais para os escritores que compartilharam desse mesmo denominador histórico.

Concebem assim entre si um denominador histórico comum marcado pela falta de liberdade e pela repressão oficial, e costumam referir-se a ele de forma exaltada, hiper crítica e casual (...). Atribuíram esse tom a uma necessidade urgente de falar, de dizer em voz alta e logo tudo o que tiveram de calar e autocensurar em Cuba. Portanto podemos afirmar que a “geração Mariel” é resultado dos mesmos mecanismos que provocaram uma “geração do silêncio” nos anos 60 em Cuba. (Barquet, 1998, p. 112, tradução nossa)¹⁹.

Os *marielitos*, apesar do abismo estético e estilístico em suas produções, atuaram sobre a linha que os unia, fornecendo trabalhos que se configuraram como verdadeiras formas de resistência frente às censuras que sofreram em território cubano. Esse

toda carga de preconceito contra a AIDS e, conseqüentemente, contra a homossexualidade (Arosa, 2016, p. 6).

19 Texto original: Conciben así entre ellos un común denominador histórico marcado por la falta de libertad y la represión oficial, y suelen referirse a él de manera exaltada, hiper crítica y desenfadada (...) Adjudicaban ese tono a una imperiosa necesidad de hablar, de decir en voz alta y pronto todo lo que tuvieron que callar y autocensurarse en Cuba. De ahí que podamos afirmar que la «generación del Mariel» es un resultado de los mismos mecanismos que provocaron una «generación del silencio» en la década del 60 en Cuba.

movimento se mostrou como transgressor até mesmo dentro de uma esquerda mais ampla, visto que mesmo entre aquela presente nos Estados Unidos os trabalhos dos membros da revista tiveram pouca receptividade (Drummond, 2018, p. 48). De qualquer modo, como aponta Sousa (2019), o grupo sempre procurou reivindicar essa posição de ‘não-lugar’, não como uma expulsão, mas sim como um êxodo político, silenciado institucionalmente, o qual dava força motriz para o projeto de desmonte das categorias que lhes foram atribuídas e aumentava o ensejo pelo giro da posição de objeto para a de enunciador (Sousa, 2019, p. 25). Em concordância, Miguel Correa Mujica apresenta uma relação das obras produzidas nesse contexto “geracional” com as noções de uma literatura menor que se opõe àquela distribuída como oficial. Conforme aponta o autor, o lugar marginal dos integrantes da Mariel, dado a temática das suas produções, já era identificado em Cuba e foi reconfigurado em seu país de exílio. Por esse motivo, é latente o tensionamento entre os rasgos nas heranças culturais de ambos os lugares, a nostalgia do território nacional perdido, a mescla nas diferentes línguas, a constante reordenação das identidades, além da postura homossexual aberta por parte da maioria do grupo, reafirmando posturas e práticas sexuais heterodoxas e demasiado escandalosas para as duas localidades (Mujica, 2003, p. 3).

Todas essas posturas podem ter seus estudos ampliados quando se mobiliza alguns dos apontamentos ofertados pelo sociólogo francês Jacques Rancière. Entendendo a política como desentendimento e dissenso, frente a linguagens compreendidas de diferentes formas por diferentes grupos sociais, Rancière lê o dissenso como um elemento que gera um dano inicial, sendo este capaz de fomentar uma postura de prática de um traço igualitário que se reconfigura como forma de tratamento do referido dano (Rancière, 1996, p. 47). Analisando a divisão do sensível sob a lógica de uma ordem policial, a qual se pode ou não pertencer, o sociólogo nota igualmente como a reconfiguração do campo sensível fornece a subjetivação de terminado grupo social por meio da qual é possível o afastamento da ordem policial instalada e um vislumbre mais amplo que permita perceber os excluídos.

A construção desse ramal teórico e contextual fornece um olhar mais atencioso para a obra de Reinaldo Arenas, que conforme aponta Sousa, era a “*estrella más brillante*” da Mariel, uma espécie de referência e mestre que delimitava sua própria temporalidade da lembrança e dos processos de escrita, ajustando os eventos históricos à sua própria vida (Sousa, 2019, p. 44). Assim, analisamos a obra *Antes que anoiteça* procurando

estabelecer como são constituídos discursos dissonantes do oficial, os quais apresentam um cenário de opressão, dissenso e marginalização dos indivíduos que não se enquadravam nos moldes do sujeito revolucionário.

ANTES QUE ANOITEÇA: UMA AUTOBIOGRAFIA

Muitos debates foram travados no meio historiográfico acerca dos limites turvos entre a escrita da história e a produção literária. Hayden White (1994), por exemplo, contribui de maneira relevante ao apontar as ambiguidades de método de uma disciplina histórica que ainda se pautava em critérios oitocentistas. White defende, portanto, que haja um rompimento da dureza metodológica, cerne do “fardo da história”, para que se possa abrir um rol de possibilidades de análise, ampliadas dentro da panoramização ofertada pela perspectiva da virada linguística. Em igual medida, Joan Scott (2007) aproxima-se de White ao defender um fazer histórico que seja pautado na crítica, operacionalizando a história como um projeto ético que se distancia de critérios de objetividade empirista com bases historicistas. Tais leituras possibilitam, portanto, uma visão mais aproximada de literatura e história. Coadunando leituras de Nicolau Sevcenko (1999) e Antônio Celso Ferreira (2009), podemos vislumbrar o texto literário como mais uma das possibilidades para a análise de determinado discurso sobre a realidade, o que de forma alguma, seguindo teoricamente o que é exposto pelos autores, fornece um comprometimento com a veracidade e a objetividade da realidade exterior. Entende-se, portanto, uma discursividade literária que considera os elementos estéticos e comunicativos, mas não perde o conjunto de elementos condensados da dimensão social.

Para além dos elementos levantados, procuramos explicitar que, ao trazer as experiências vividas por Arenas e inseridas em seu escrito autobiográfico, nos aproximamos das visões de Scott em seu ensaio “A invisibilidade da experiência”. Ao abordar projetos que visam tornar determinada experiência visível, Scott aponta para as problemáticas e limitantes dentro de uma história das diferenças que acaba por reforçar determinadas características de uma fixidez da evidência entendidas sob à luz de uma disciplina histórica tradicional. Nesse sentido, a autora entende que apenas trazer os elementos de resistência frente a um sistema repressivo não é suficiente para um exame crítico dos próprios fundamentos ideológicos desse sistema em si, tampouco de suas categorias de representação, como no caso da homossexualidade/heterossexualidade (Scott, 1998, p. 302). É preciso, portanto, que se perceba como tais categorias estão em

constante processo de reformulação, no qual as divergências e convergências, os processos de inclusão e exclusão mútuos, operam dentro de uma determinada lógica do mecanismo implantado, que através dos discursos posicionam sujeitos e apresentam suas experiências (Scott, 1998, p. 304).

Mobilizando esse arcabouço teórico-metodológico, conseguimos expor algumas das condições de produção da obra de Reinaldo Arenas. *Antes que anoiteça*, publicada originalmente em 1992, na Espanha, tem sua construção baseada nos relatos gravados em fita por Arenas quando o escritor obteve o seu diagnóstico de AIDS, já nos Estados Unidos. Acreditando na certeza de sua morte, o escritor relata nas fitas os anos de clandestinidade em Cuba, as proibições quanto à escrita, tida como contrarrevolucionária, além de conciliar a experiência traumática da contemplação do que seria ser um soropositivo (Arosa, 2016, p. 7). A obra em si é finalizada em agosto de 1990 e Arenas suicidar-se-ia em dezembro daquele mesmo ano.

Destilando por todo o escrito as vivências experienciadas durante sua infância, juventude e vida adulta, sobretudo no período transitório entre o governo de Batista e o de Castro, Arenas demonstra como a pressão de uma sociedade viril já se impunha sobre ele ainda muito jovem. Resgatando as memórias da luta insurrecional, o escritor expõe que quando do triunfo da Revolução, houve um processo de glorificação e, em certo ponto erotização, da figura do rebelde revolucionário, renovando uma vez mais os caracteres de uma masculinidade fincada no “homem barbudo e másculo”. De modo cômico, Arenas expõe um sentimento de ridículo que sentia quando inserido nesse meio, pontuando ironicamente que sua barba ainda não era aparente devido a tenra idade.

Os rebeldes eram, fora isso, bonitos, jovens e viris; pelo menos aparentemente. Toda a imprensa mundial ficou fascinada por aqueles lindos homens barbudos, muitos dos quais também tinham cabelos esplêndidos. Descemos das colinas e eles nos acolheram como heróis; no meu bairro de Holguín, me deram uma bandeira do 26 de julho e eu andei pelo quarteirão com aquela bandeira enorme na mão. Me senti um pouco ridículo, mas havia alegria, os hinos ressoavam e toda a cidade saía às ruas. Os rebeldes chegavam com crucifixos e correntes feitas de sementes; eles eram os heróis. Na verdade, alguns estavam elevados há apenas quatro ou cinco meses, mas em geral as mulheres e também muitos homens da cidade enlouqueceram por aqueles peludos; todo mundo queria levar um homem barbudo para casa. Eu ainda não tinha barba, porque tinha apenas quinze anos. (Arenas, 1995, p. 68-69, tradução nossa)²⁰.

20 Texto original: Los rebeldes eran, por lo demás, guapos, jóvenes y viriles; al menos aparentemente. Toda la prensa mundial quedó fascinada con aquellos hermosos barbudos, muchos de los cuales tenían además una espléndida melena. Bajamos de las lomas y nos recibieron como héroes; en mi barrio de Holguín, me dieron una bandera del 26 de Julio y yo recorrí la cuadra con aquella enorme bandera en la mano. Me sentí un poco ridículo, pero había alegría, resonaban los himnos y todo el pueblo se había lanzado a la calle.

O autor igualmente apresenta de que modo os mecanismos repressivos do governo revolucionário começaram a ser articulados por meio de seus “tribunais”. Declarando que os julgamentos eram grandes atos teatrais, Arenas denuncia uma justiça enviesada, na qual uma simples denúncia destina a alguém que supostamente seria contrário ao regime, era suficiente para acionar o *paredón*, ou seja, o fuzilamento (Arenas, 1995, p. 71). Tais mecanismos persecutórios seriam ainda expostos por ele ao apresentar sua experiência na escola politécnica *La Pantoja*, na qual ele faria um curso de Contabilidade Agrícola financiado e incentivado pelo Governo. Nesse momento, percebemos a articulação dos elementos ideológicos, fincados junto ao processo educativo fornecido pela formação do “homem novo” e, articulamos junto a Arenas a sua própria percepção quanto à essa “nova disciplina que o Governo (...) necessitava transmitir. (...) um centro para formar jovens comunistas” (Arenas, 1995, p. 73).

Sequencialmente, o autor discorre sobre como a escola poderia ter sido um espaço para maior desenvolvimento de sua sexualidade, o que, no entanto, não ocorreu como esperado, dado o forte controle e pressão exercida pela exaltação da virilidade militante. Nesse momento, já são destacados como a homossexualidade era castigada tanto com a expulsão como com a prisão (Arenas, 1995, p. 73). Mas os elementos de subversão não estavam alheios aquele ambiente, pois Arenas destaca que as experiências homossexuais ainda ocorriam entre os alunos, mesmo que de maneira mais velada. A punição para quem era pego em tais atos é narrada pelo escritor:

Contudo, a homossexualidade ainda era praticada entre aqueles jovens, embora de forma muito velada. Os meninos flagrados nesses atos tiveram que desfilar com suas camas e todos os seus pertences em direção ao armazém, onde, por ordem da direção, tiveram que devolver tudo; os demais companheiros tiveram que sair de seus abrigos, atirar pedras neles e espancá-los. Foi uma expulsão sinistra, pois implicava também um arquivo que perseguiria aquela pessoa por toda a vida e a impediria de estudar em outra escola estadual — e o Estado já começava a controlar tudo. (Arenas, 1995, p.73-74, tradução nossa)²¹.

Seguían llegando los rebeldes con crucifijos y cadenas hechos de semillas; eran los héroes. En realidad, algunos sólo llevaban cuatro o cinco meses alzados, pero en general las mujeres y también muchos hombres de la ciudad se volvían locos por aquellos peludos; todos querían llevarse algún barbudo a su casa. A mí aún no me había salido barba, porque sólo tenía quince años.

21 Texto original: Sin embargo, entre aquellos jóvenes se practicó de todos modos el homosexualismo, aunque de una manera muy velada. Los muchachos que eran sorprendidos en esos actos tenían que desfilar con sus camas y todas sus pertenencias rumbo al almacén, donde, por orden de la dirección, tenían que devolverlo todo; los demás compañeros debían salir de sus albergues, tirarles piedras y caerles a golpes. Era

Ainda que houvesse alguns elementos de afronta, Arenas destaca que muitos preferiram negar a si mesmos como maneira de sobreviver. Todos os processos de depuração, sejam elas físicas, políticas, de caráter moral ou religioso assomavam-se ao peso dos exames técnicos da escola. Nesse ambiente, ele destaca que muitos, tal como ele próprio, negaram sua homossexualidade e seu rechaço ao comunismo, buscando enquadrar-se, ou pelo menos passar despercebidos através da negação de si mesmos. Como relata: “Os anticomunistas, como eu, recitavam os manuais marxistas ao acaso; tivemos que aprender desde cedo a esconder os nossos desejos e engolir qualquer tipo de protesto” (Arenas, 1995, p. 76, tradução nossa)²².

O processo repressivo, no entanto, não se dava de maneira homogênea entre os homossexuais. Arenas destaca que os *bugarrones*, ou seja, àqueles que desempenhavam um papel ativo na relação sexual, não se ligavam a uma noção mais própria de homossexualidade, ao passo que para os *maricones*, o ato de ser penetrado imediatamente os estigmatizava como inferiores. O autor ainda realiza uma classificação entre quatro tipos principais de homossexuais, à qual fica inerente uma maior ou menor permissividade quanto a publicidade ou não da sexualidade. Arenas os denomina bicha de coleira, bicha comum, bicha enrustida e bicha régia (Freitas, 2020, p. 40). Vale ressaltar que tais caracterizações feitas pelo escritor são de caráter muito limitante, não expondo de maneira assertiva a complexidade dos modos de vida e das subjetividades constituídas naquele momento. Todavia, é interessante perceber como Arenas compreende as diferentes formas de se portar e de performar a homossexualidade frente ao regime repressivo. Para ele, a bicha de coleira é aquela caracterizada por sua extravagância e escândalo público, motivo pelo qual eram “encoleiradas” pela polícia e destinados ao trabalho forçado (Arenas, 1995, p. 110). A bicha comum é, para o autor, aquela que cumpre sua função social, vai a Cinemateca, escreve um ou outro poema, mas nunca corre grandes riscos. A terceira categoria, a bicha enrustida, englobava aos homossexuais que renegavam a si próprios, casando-se, tendo filhos, discursando, eles próprios, contra a homossexualidade, mas, indo clandestinamente às saunas. Por fim, Arenas demarca a bicha régia como um espécime particular nos países comunistas. Ao aproximarem-se do

una expulsión siniestra, por cuanto conllevaba también un expediente que perseguiría a esa persona durante toda su vida y le impediría estudiar en otra escuela del Estado —y el Estado ya empezaba a controlarlo todo.

22 Texto original: Los anticomunistas, como yo mismo, recitábamos de carretilla los manuales de marxismo; tuvimos desde temprano que aprender a ocultar nuestros deseos y tragarnos cualquier tipo de protesta

alto escalão burocrático do Governo, gozavam de maiores possibilidades de exercer sua homossexualidade publicamente, além de poderem ocupar cargos públicos, viajar, cobrir-se de joias e terem motoristas particulares (Arenas, 1995, p. 111). Esse processo classificatório de Arenas nos possibilita questionar os aspectos de opressão vivenciados pelos homossexuais em Cuba, uma vez que as repressões, segundo o escritor, se davam de maneira mais intensa àqueles que abdicavam ao padrão de masculinidade viril implantado e que feriam o padrão normativo social. Como evidencia o próprio Fidel Castro em discurso proferido no ano de 1963, quando dos atos comemorativos do VI aniversário da invasão do palácio presidencial (Cuba, 1963), as reiteradas práticas dessa “feminilidade” estavam atreladas a uma herança da decadência burguesa da Cuba capitalista, desnudando debilidades da Revolução que precisariam ser combatidas.

O modo pelo qual essas determinadas performances da homossexualidade podem ser identificadas tem como chave de acesso os apontamentos da teórica queer Judith Butler. Em *Problemas de Gênero*, Butler dissecou algumas das noções essenciais sobre gênero, sexo e identidade, apresentando como tais conceituações emergem como aspectos estabilizadores dentro de um determinado campo normativo. Sob essa linha de pensamento, a própria noção de “pessoa” se veria abalada quando apresentando incoerências e descontinuidades dentro daquela norma de gênero (Butler, 2003, p. 38). Esses elementos podem ser percebidos igualmente pelo modo como, através de leis ou outros aparatos biológico-jurídicos, busca-se o estabelecimento de uma linha causal entre sexo, gênero culturalmente construído e as manifestações de desejo e prática sexuais. Esses elementos tornam-se profícuos para a análise, uma vez que a própria homossexualidade, aqui em questão no caso cubano, é pensada a partir de mecanismos de aproximação e afastamento com a heterossexualidade institucional (Freitas, 2021, p. 493).

Podemos, portanto, cotejar as percepções dos escritos de Arenas a um debate mais amplo de análise do contexto da Cuba revolucionária via aspectos de gênero e sexualidade. Ao passo que, tanto Butler como Scott dissertam sobre a afirmação categórica da significação de homem e mulher dentro de determinado enquadramento normativo, resta-nos ainda explicar o processo de persistência da masculinidade e de enaltecimento dos valores da virilidade frente aos da feminilidade. Scott apresenta que essa analítica só pode ser pensada dentro de uma concatenação dos sistemas de significados que articulam as regras de relações sociais e constroem o sentido da

experiência: Sem o sentido, não tem experiência; e sem processo de significação, não tem sentido (Scott, 1995, p. 15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências de Reinaldo Arenas narradas em sua autobiografia, *Antes que anoiteça*, aquém de expor uma realidade concreta e objetiva da conjuntura cubana pós-1959, configura-se como um dos instrumentos para articular a análise do modo pelo qual a ideologia partidária se constrói e fornece, de uma maneira um tanto paradoxal, determinados discursos calcados em pressupostos limitantes de caracteres de gênero. A aproximação entre os campos histórico e literário nos fornece, em muitos aspectos, chaves de leitura fundamentais para as possibilidades de vinculação da escrita como forma de resistência e de torções do vivido, abrindo caminhos para pensar como os processos de experimentação do exílio transpassam e abalam as subjetividades dos sujeitos envolvidos. Segundo Júlio Pimentel (2024), a maneira como a ficção literária - e aqui inserido o gênero autobiográfico analisado no decorrer deste trabalho - antes de ser tomada como ilustração de determinado contexto em uma argumentação histórica, é pertinente para pensarmos as transformações das experiências vividas no momento da sua escritura. Esses dissensos, tal como nos termos aplicados por Rancière, são os elementos que nos guiaram no trajeto para compreender de que modo a subjetivação de um determinado grupo e seu afastamento dessa nova partilha do sensível, configurou-se como aspecto essencial no processo de reestruturação dos sujeitos envolvidos.

Partindo, portanto, do embasamento conceitual do “homem novo”, objetivo primevo na constituição da sublime experiência revolucionária em solo cubano, podemos desdobrar as reformulações nos diferentes dispositivos de poder em sua multiplicidade de enunciações, resultando em um processo de reafirmação de uma moral hegemônica que entende os aspectos da masculinidade e da feminilidade como uma linha causal entre sexo biológico e os desejos e as práticas sexuais. Nesse emaranhado discursivo, evidenciamos os mecanismos violentos de repressão e morte de sujeitos não enquadrados na normatividade, em uma estratégia de engendramento de párias a partir de seu não alinhamento às normas de gênero e ideológicas. Nessa conjuntura, explicitam-se as complexidades das hierarquizações dentro do próprio aparato repressivo. Fincados em noções não voláteis de masculinidade e feminilidade, as estratégias de identificação, aprisionamento e opressão dos dissidentes era montada visando a maior pena àquele que

mais se afilia-se à performance do feminino. O amálgama do “homem” com a feminilidade era, em última instância, a máxima debilidade e a herança torpe do capitalismo e da burguesia decadente.

A resistência frente a opressão e os diferentes métodos de transgressão nas mais diversas instâncias pessoais e políticas demonstram, no entanto, que não houve passividade na luta por justiça. As denúncias via revistas, os relatos e os livros publicados, tal como a manutenção de práticas sexuais dissidentes e modos de vida que abalavam a heteronormatividade institucional, caracterizaram um ambiente de transgressão e subversão dos pressupostos revolucionários, colocando em xeque o discurso de ampla justiça social e de liberdade. O que se sintetiza, portanto, é o processo de luta constate e uma ardente esperança de reestruturação pautado na resistência, como aponta Reinaldo Arenas em sua carta de suicídio: “Cuba será libre. Yo ya lo soy” (Arenas, 1995, p. 375).

FONTES PRIMÁRIAS

ARENAS, R. **Antes que Anochezca**. 1. ed. Rio de Janeiro: Tusquets, 1995.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, P. S. de. **A Construção do "homem novo socialista" em Cuba e suas expressões em Lucía**. 2018. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Cinema e Audiovisual, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

AROSA, G. V. Trauma e discurso: visibilidade e mediação do homossexual enquanto vítima. **Boletim Historiar**, [S. l.], n. 17, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/5953>. Acesso em: 7 maio 2024.

BARQUET, J. J. **Revista Encuentro de la Cultura Cubana**. Número 08/09, Primavera/Verano de 1998. Disponível em: <http://www.cubaencuentro.com/var/cubaencuentro.com/storage/original/application/20a4f68744182837038d78fae421f96c.pdf>. Acesso em: 24 out. 2022.

BRANCO, G. C. Estética da existência, resistência ao poder. **Exagium**, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2008.

BUTLER, J. Identidade, sexo e metafísica da substância. In: BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 37-48.

CUBA. Primeiro Ministro (1959-1976: Fidel Castro). **Discurso pronunciado para comemorar o VI aniversário do assalto ao palácio presidencial**. Universidade de Havana, 13 mar. 1963. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f130363e.html>. Acesso em: 24 out. 2022.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka. Por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DRUMMOND, C. M. F. **Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel - Revista de Literatura y Arte" (1983-1985)** - 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

FIGUEIREDO, C. A. S. Concepção de partido marxista-leninista: contribuições teóricas e dilemas históricos. **Revista Outubro**, n. 33, 2. semestre de 2019.

FEINBERG, L. **Rainbow Solidarity in Defense of Cuba**. New York: World View Forum, 2009.

FERREIRA, A. C. A fonte fecunda. In: PINSKY, C; LUCA, T. R. de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-91.

FREITAS, U. P. **A traição do sexo: testemunhos da perseguição aos homossexuais em cuba na obra de Reinaldo arenas (1959-1990)**. 2020. 100 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2020.

FREITAS, U. P. Camadas do preconceito ou o quimérico resgate da virilidade: um estudo sobre a política de repressão aos homossexuais no contexto da revolução cubana. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 473-499, 10 jul. 2021.

FOUCAULT, M. Sobre a História da sexualidade. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**: curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, M. Ética, sexualidade, política. **Ditos e Escritos. Vol. V**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

GREEN, J. N. A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina. **Cadernos AEL**, [S. l.], v. 10, n. 18/19, 2010. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2508>. Acesso em: 15 ago. 2024.

GUEVARA, E. C. **El socialismo y el hombre en Cuba**. La Habana: Ediciones Abril, 2007.

MARTINS VILLAÇA, M.; CEZAR MISKULIN, S. O caso Padilla em Cuba: debates na história e na tela de cinema. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, [S. l.], v. 24, n. 37, p. 241-270, 2024. DOI: 10.46752/anphlac.37.2024.4171. Disponível em: <https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/4171>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MENDES, R. A. S. Pensando a Revolução Cubana: nacionalismo, política bifurcada e exportação da Revolução. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, [S. l.], n. 8, 2013. DOI: 10.46752/anphlac.8.2009.1389. Acesso em: 15 ago. 2024.

MISKULIN, S. C. O ministro Che Guevara e a gestão econômica e empresarial em Cuba. **Novos Rumos**, São Paulo, n. 45, p. 45-48, 2006. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2126>.

MUBARACK, C. O. Paródia, memória e sujeito político no conto “Memorias de la Tierra”, de Reinaldo Arenas. **Magma**, [S. l.], n. 14, p. 31-44, 27 dez. 2018. DOI: 10.11606/issn.2448-1769.mag.2018.154402.

MUJICA, M. C. La generación del Mariel: Literatura y transgresión. **Espéculo: Revista de Estudios Literarios**, n. 23, 2003, não p. Disponível em: <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero23/gmariel.html>.

PINTO, J. P. **Sobre literatura e história**: Como a ficção constrói a experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

RANCIÈRE, J. **O desentendimento**. São Paulo: Editora 34, 1996.

SADDI, R.; MELO, É. I. Gênero e Revolução Cubana: reflexões sobre as relações de gênero no exército rebelde. **Diálogos**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 1267-1287, 27 nov. 2012. DOI: 10.4025/dialogos.v16i3.678.

SANTOS, G. C. dos A. A revolução cubana e as representações sociais de gênero. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, [S. l.], n. 14, p. 265–286, 2013. DOI: 10.46752/anphlac.14.2013.1237. Acesso em: 15 ago. 2024.

SEVCENKO, N. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SCHACTAE, A. M. O HERÓI CHE: FOTOGRAFIA, GÊNERO E REVOLUÇÃO CUBANA. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2021.

SIRINELLI, J.-F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 248.

SILVA, N. F. da. **O pensamento de Che Guevara**: um homem novo, trabalho e consciência na Revolução Cubana. 2011. 152 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2011.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/71721/40667>. Acesso em: 7 maio 2024.

SCOTT, J. W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, n. 16, p. 297-325, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183/8194>. Acesso em: 7 maio 2024.

SCOTT, J. W. History-writing as critique. In: JENKINS, K.; MORGAN, S.; MUNSLOW, A. (org.). **Manifestos for History**. London: Routledge, 2007. p. 19-38.

WHITE, H. **Trópicos do Discurso**: ensaios sobre a crítica da Cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

WOLF, S. **Sexualidade e socialismo**: história, política e teoria da libertação LGBT. Autonomia Literária, 2022.

Recebido em: 11/05/2024

Aprovado em: 19/08/2024